



Singularidades Sociais e Grupos Tradicionais sob a Interferência da Informação Mediada*.

Juan Felipe Sánchez Mederos**

Dr. em Comunicação e Cultura

Universidade Federal de Mato Grosso

Mestrado em Estudos de Linguagem

Instituto de Linguagens

-

* Trabalho apresentado ao GT Práticas Sociais de Comunicação, do VIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

** Graduado em Letras no Instituto Superior Pedagógico de Voronezh, RFR. Mestrado Ensino de Língua russa no nível superior (1988). Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1998) e Doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da UFRJ (2003) com a defesa da tese: Percepção subjetiva do outro via Mídia na Migração. Atualmente Pesquisa a Publicidade Nutricional como Recém-Doutor no Instituto de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso, onde também atua como professor visitante. Grupo de Pesquisa Estudos do Contemporâneo no Mestrado em Estudos de Linguagem. juanefe@bol.com.br



RESUMO

Na contemporaneidade os chamados grupos menores dentro da sociologia e das diversas correntes da comunicação social, revistos por muitos pesquisadores desde começos do século XX, resultam ser as agrupações de maior quantidade e diversidade de indivíduos com seu conseqüente patamar de expressões lingüísticas, folclóricas, culturais e indicadores da evolução de consumo ate os níveis livres de fronteiras que pressupõe o processo de integração de economias. São de fácil identificação tanto em contextos nacionais como internacionais, levando muitos dos interessados no assunto a denominar este começo de século XXI como a continuidade da modernidade pela ampla gama de interesses que convergem em volta do consumo em despeito ao que vem sendo considerado como pós-modernidade.

Palavras-chave: cultura; geração; comportamento; persuasão; identidade

ABSTRACT

In contemporary times, the so called minority groups in the area of sociology and the various currents of social communication, studied by many researchers since the beginning of the 20th Century, ended up to be the largest and most diverse groups of individuals. Their consequent level of linguistic, folkloric, and cultural expressions and indicators of evolution of consumption reaching at free boundaries presuppose a process of economic integration. These are easily identified both in national and international contexts and have led those interested in the matter to call this beginning of the 21st Century as the continuity of modernity. This is so because of the wide range of interests that converges towards consumption despite of what is being considered as post-modernity.

Keywords: culture; generation; behavior; persuasion; identity



Tomando como ponto de partida a simultaneidade e o sincronismo de processos, fatos e fenômenos relacionados com o consumo na esfera regional, nacional, internacional e que por sua vez, envolvem o ente na atualidade, temos o grupo social como comunidade de indivíduos, com uma comunhão de interesses que os faz interagirem por determinado período de tempo e espaço, submetidos a mudanças e padronizações culturais, incluídas aquelas de caráter massivo influenciadas pelos processos de interação geracional. Na atual conjuntura aqueles que convergem na linguagem publicitária proveniente de empresas e instituições comunitárias são os grupos que marcam a pauta de inclusão e o caráter de integração sob os efeitos da tal chamada globalização.

A partir deste panorama nos interessa levantar a questão dos pequenos grupos cujos membros ficam em contato direto e sem intermediações, na mesma abrangência cultural. Além das diversas abordagens sociológicas, o comportamento neles gerado é também fonte de pesquisa na psicologia social. É precisamente nesses grupos de contato direto que aparecem os mais marcados e profundos processos de interação e interatividade social e dentro da sua micro esfera se apreciam as mais complexas evoluções nas relações sociais destacando os altos índices de consumo para os quais se voltam na contemporaneidade as grandes firmas multinacionais como as de informática, telefonia, lazer e serviços. Fenômeno que na macro esfera (com maior número de participantes) chega sempre via liderança ou imitação, sem desconsiderar que na atualidade ambas tendências de agrupamento possuem praticamente as mesmas características. Thompson argumenta que na paridade com esses processos acontece a interferência midiática capaz de não só influenciar, mas também de consolidar posições dentro das mudanças que os grupos sofrem:

a proporção que as formas mediadas de comunicação vão adquirindo um papel cada vez maior, a autoridade da tradição vai gradualmente se distanciando dos indivíduos com que se interage nos contextos práticos da vida diária. A tradição adquire uma certa autonomia e uma autoridade própria como um conjunto de valores, crenças e pressuposições que podem estar envolvidos na transmissão de uma geração para outra. (THOMPSON, 2002, p. 173)

Precisamente estudos da escola de Harvard observaram nos anos 30 do século passado como o comportamento de grupos de trabalhadores das diversas indústrias em estabelecimento carregavam certo ideal ou idealismo de convivência moral como fio



condutor para o sucesso dos câmbios sociais e do próprio desenvolvimento em escala maior. Aparecem bairros e bairrismos - ou seja, uma regularidade e persistência de relacionamentos no espaço e no tempo que conseguem se expressarem em grupos de liderança, mecanismos de controle do comportamento, incluído o autocontrole e a própria circulação da informação abrangendo as normas de comportamento e os valores sociais ali inseridos e aceitos. Gera-se então uma auto-identificação entre os indivíduos que por sua vez produz mecanismos de solidariedade intrínsecos capazes de manter a coesão do grupo e sua pouca permeabilidade desde o olhar externo daqueles que o identificam como clube fechado com extrema interação entre seus membros.

É neste ponto que se pode mencionar a grande variedade de pequenos grupos que a sociedade gera onde a família prima como núcleo emissor e primeiro elemento. Da mesma forma, as turmas estudantis, unidades militares, fãs-clubes, *blogs* ou comunidades digitais temáticas, comunidades geriátricas, clubes de preferência sexual, práticas desportivas, compradores de supermercado de bairro, e também, freqüentadores de uma mesma praça para leitura de jornais ou dormir sestras como acontece em localidades suburbanas e rurais.

Observa-se que perante as diversidades da constituição dos grupos sociais, seu volume e suas funções transparecem certa referência comum a todos os elementos anteriormente mencionados como próprios de grupos menores e que refletem em agrupações maiores de indivíduos. Todos surgem em sua grande maioria pelo alcance de um objetivo individual concretizado numa exigência ou razão social sob uma motivação sócio-psicológica que reproduz o contato dos participantes numa espécie de energia emocional de contágio ou de impulso para a atividade comunitária encaminhada para o logro do objetivo traçado e amparada pelo elemento cultural que os reúne.

É necessário destacar que durante toda a vida ativa do grupo permanece a interação comunicacional – o processo de conservação como um todo compacto de um grupo com menor quantia de membros se submete constantemente ao intercambio e adaptação massiva de seus componentes –, paralela com o processo ininterrupto de estruturação, seleção da liderança natural, dos estatutos de convivência e conseqüentemente a delimitação dos papéis que se correspondem com a concretização de tais posicionamentos subjetivos. Simultaneamente se desenvolve o sistema de normas e valores que se expressa em ritos e atividades conjuntas, o procedimento natural se dá pela pressão sobre o grupo via sanções e reconhecimentos. A mais drástica das penalidades que parece acontecer num grupo de menor escala é a expulsão por



caráter natural e pelo ostracismo. Wallerstein in “A cultura como campo de batalha ideológico do sistema mundial moderno” traça dois conceitos de cultura atrelados ao sistema capitalista e questiona se todos os grupos teriam cultura (portanto fronteiras localizadas) como ponto de partida para o “autodiscernimento” e reforço de seus valores ou de seu comportamento adquirido. Acentuando neste caso que

quando muito podemos sustentar um relacionamento estatístico significativo entre “membros” do grupo e um certo comportamento de valores.... quer dizer o comportamento ou as preferências de valores, ou seja como for que se defina cultura, é naturalmente, um fenômeno que vai evoluindo, mesmo em se tratando de um fenômeno que vai evoluindo lentamente, pelo menos em relação a certas características (digamos os hábitos alimentares). (WALLERSTEIN, 1999, p.43-44)

Na variedade de agrupações com fronteiras prima o elemento moral que se coloca não só como uma necessidade do grupo, mas também como exigência do próprio indivíduo que quer pertencer ou se manter nele. Precisamente os laços sociais recriam e reforçam os elementos espontâneos do que pode ser avaliado como certo e errado: independente da origem ou valor do grupo os interessados em sua conservação demonstram algum tipo de obrigação ética que lhes mantém aceitos entre os outros membros.

A presença de uma liderança que focaliza em si a atenção dos participantes da comunidade deve ser capaz de expressar a idéia concentrada nos receptores que viabilizam o funcionamento do grupo, deve ser capaz de absorver a energia distintiva procedente da massa que lhe imprime carisma. Assim resulta ser o canal de passagem para a energia coletiva, desde que sua posição exalta os indivíduos, fala deles e para eles, seu secreto esta na força que a massa lhe repassa.

A concentração dessa energia psico-social é gerada tanto nos eventos de caráter oficial como em companhias íntimas ou grupos de amigos proporcionando a catalisação de atividades, advindas de compromissos de grupo que os indivíduos são incapazes de realizar quando sozinhos ou sem a companhia de pares. O evento dito negativo desta situação pode ser o aborrecimento que no seu máximo patamar pode derivar em criminalidade vista em qualquer manifestação de revolta que as sociedades enfrentam como se tal fenômeno fosse a preponderância de instintos netamente egoísticos de personalidades que não enquadram na participação das atividades comunitárias, uma negação da pressão perante os deveres, obrigações e espontaneidade que a coexistência em grupo exige. Suas expressões podem ir desde alcoolismo, uso de



drogas, agressões verbais e físicas que terminam controladas por clínicas, terapias, antidepressivos ou em boletins de ocorrências.

No livro “Drama da vida cotidiana”, ao descrever os elementos negativos e positivos que a sociedade grupal enfrenta, Scheibe concorda com os questionamentos do sociólogo Orrin Klapp quando

distingue dois tipos de tranquilidade – a boa (paz serenidade) e a má (tédio, solidão) da mesma forma que existem dois tipos de aberturas para o estímulo – o bom (excitação, criatividade) e o ruim (caos, barulho). Klapp observa que vivemos nossas vidas em ciclos de aberturas e fechamentos – circulando idealmente entre excitação e paz, mas freqüentemente, entre tédio e caos....todos os estágios neste ciclo são inerentemente instáveis, já que não podem ser sustentados indefinidamente. (SCHEIBE, 2005, p. 72)

Um dos exemplos que de forma explícita demonstra a organização controversa entre grupo, individualidade, pequeno espaço e tempo concreto está nas competições desportivas onde o atleta que pertence ao grupo que representa (desde a equipe até a região ou nacionalidade) é ao mesmo tempo um lutador individual por laudos, medalhas ou condecorações. Motivado por torcedores e pela obtenção de resultados ou vaiado por multidões ele consegue quebrar recordes que parecem impossíveis para a vida ou a realidade de mortais que os assistem e incentivam. Veja-se que as pessoas também não demonstram comumente muita coragem em situações cotidianas como assaltos, acidentes, sustos, etc. Já em situações de alto risco como incêndios, combates, adversidades e catástrofes da natureza, vindicações de direitos, movimentos sindicalistas, a coragem e a iniciativa conformam uma organização que permanece enquanto o grupo está coeso, empolgado sob liderança e dividindo as mesmas condições de perigo. Nestes fenômenos o heroísmo alterna com o altruísmo e incluso com o idealismo e a auto mutilação quase suicida, diferente dos grandes grupos ou dos movimentos sem lideranças ou multidões, onde a energia moral fica dispersa com maior facilidade ou não focalizada, tomando caráter de fanatismo. As massas quando empolgadas pelo fervor de uma situação sem ideal recorrem às agressões destrutivas, ou se dividem em inúmeras direções de confronto como as penitências, o vandalismo, terrorismo. Somente massas dirigidas e orientadas com liderança e objetivos de mudança podem ocasionar revoluções estratégicas.

Não entanto, para grandes e pequenos grupos é válido certo nível de sustento moral e enérgico que conserva a cordialidade, a solidariedade ou discordância entre seus



membros, que nos dias atuais, ficam majoritariamente corroídos pela coerção das mensagens publicitárias, os ícones cinematográficos e televisivos, o culto à estética corporal e a carreira pelo sucesso pessoal. Ecléa Bosi em “Cultura de massa e cultura popular” aborda o pensamento de Adorno e conclui que “a imagem de um show de TV, por exemplo, é seu próprio anúncio e é consumido enquanto se propaga” (p. 58) e retomando as próprias definições do pesquisador complementa que

a sociedade que aspira a ser democrática não deve delegar aos meios de comunicação tais poderes de persuasão e transmissão cultural: em virtude da ideologia da indústria cultural o conformismo substitui a autonomia e a consciência. (...) Pretendendo ser o guia dos perplexos e apresentando-lhes de maneira enganosa os conflitos que (os receptores) devem confundir com os seus, a indústria cultural não resolve esses conflitos a não ser em aparência, do mesmo modo que lhe seria impossível resolvê-los na vida. (ADORNO apud BOSI, 2000, p. 59)

Resultam interessantes para sustentar este raciocínio a sensibilidade e a proximidade emocional, o nível e a profundidade das relações interpessoais entre os membros dos grupos de menor tamanho, pois tendo como fundamento sua capacidade de fusão podemos ter dois tipos de grupos regidos pela formalidade ou informalidade.

Sendo assim na base dos grupos formais jazem a racionalidade e o objetivo traçado, acompanhados de uma movimentação consciente e anônima, ou seja, estão conformados por indivíduos abstratos entre os quais existem relações ideológicas ao perfilar seu programa. Este tipo de grupo geralmente sai de um sistema social considerado de alto desenvolvimento econômico e cívico, transpondo parte de suas funções e estruturas para alguns dos participantes no grupo. Na atualidade as ONG's e religiões alternativas com as denominadas religiões tradicionais parecem ser o elemento social mais representativo deste tipo de organização, onde a liderança parece uma atribuição do além e é estabelecida pelos deveres e obrigações, não pela personalidade.

Em muitos casos, como um apêndice ou resultado da formalidade preexistente os grupos informais se formam a partir da predisposição pessoal emotiva e espontânea de seus membros, validando a iniciativa dos indivíduos que nele se integram, para cada um de seus componentes é importante o contato constante, freqüente e fechado entre si, cada membro resulta importante dentro do roteiro social e interage chegando até o nível dos laços emotivos condicionando as próprias atitudes e papéis ao posicionamento dos outros. Vide o exemplo de uma turma de estudantes universitários que resulta informal, porém de primeira importância ao ser comparada com o curso que a acolhe. O currículo



reúne todos os estudantes, é obrigatória sua presença e o cumprimento de quesitos. No entanto, dentro da turma se destacam agrupamentos, amizades por interesses, humores, afetos, tipos de lazer que colocam seus participantes em diferentes graus de intimidade pessoal.

Por outro lado uma organização sindical posicionada a partir da sua formalidade deixa os membros em planos secundários visto que suas funções permitem a interação de alguns participantes dentro e fora da associação, responsáveis pela sua atividade para fazer cumprir um sistema resolvido e acordado por todos com uma única proposta de existência corporativa que é a defesa dos direitos profissionais.

É de total importância o papel da família como núcleo essencial ao formar e preparar nossa individualidade não só na etapa primária socializadora, mas também como preparadora para a posterior incorporação de nosso caráter a múltiplas equipes onde se aprimora nossa biografia social e pessoal: tais como os amistosos, os de subordinação, os íntimos e sexuais, as equipes esportivas. Assimilam-se assim e em níveis bem mais amplos as tradições, normas e valores que a sociedade coloca como padrão entre conterrâneos, interlocutores e na transferência de gerações. Resulta importante destacar que a insuficiência de contatos informais primários ou de infância pode resultar num empobrecimento das qualidades pessoais e numa barreira para assimilar potencialmente as relações formais, transparece isso em revoltas, timidez, em índices de violência, inconformidades, estresses, desarranjos psicológicos ou em crises existenciais que limitam o desenvolvimento adequado de personalidades adultas.

Com farta frequência o estágio secundário na vida do indivíduo fica definido pelos referenciais do grupo informal primário ao qual pertenceu e onde adquiriu o simbolismo e a práxis dos contatos sociais. Aqui temos seu grupo de referência, cujo raciocínio de forma consciente ou não o leva a valorar a opinião daqueles que ele tem como ponto de partida e a opinião dos que ele acolhe nas novas interações, independente de estar sendo monitorado ou simplesmente ser parte da sua imaginação. Essa referência é ampla e extremamente subjetivada, pois abrange todos os estágios da projeção social do indivíduo, visto que aqui há de se considerar a comunidade que ele já pertenceu, o espaço em que se encontra inserido no momento de agir e aquele ao qual gostaria de se incorporar futuramente. Todo este processo é como uma personificação dos modelos e ou fantasias na mente das pessoas que lhes permite se orientar ou agir a partir de questionamentos internos. O êxito e a frustração no alcance de seus objetivos estão muito interligados com a forma que o grupo apóia tais interesses e reforça essas



fantasias ou as rejeita. Entre os pequenos grupos que mais visibilidade e sonoridade têm encontrado dentro dos meios audiovisuais nas campanhas pró direitos humanos estão os GLSBTT¹, e os defensores do sistema ecológico. Resultam interessantes as abordagens de Elsie Cross e Roosevelt Thomas quando a primeira coloca que “a luta ‘contra’ o racismo e o sexismo é um laboratório experimental para o pluralismo cultural que desenvolve a ‘singularidade’ de todos os indivíduos e a seqüência neste caso resulta realmente específica e relevante” (CROOS et al, 1994, p. 11).²

Thomas por sua vez amplia a teoria manifestando que

algumas diferenças são de fácil identificação, posto que ficam visíveis na superfície: as pessoas são homens ou mulheres, jovens ou velhas, brancas ou minorias. Outras diferenças não são de tão fácil apreciação: nível de escolaridade, *modus vivendi*, acertos e ambições, orientação sexual, valores pessoais, modos de credibilidade, incluindo a lealdade às autoridades, aderência as visões organizacionais, e as maneiras de pensar e respeitar (ou temer) as novas idéias.³ (THOMAS, 1991, p.2-3)

Ambas as visões não conseguem se complementar precisamente porque desde a ótica de Thomas o reconhecimento de diferenças e similitudes não se fixa num território geográfico, físico ou cultural onde possam vir acontecer. E a aceitação da paridade de todas as pessoas propostas por Cross parece pressupor que há singularidade e eliminação de qualquer resíduo de discriminação sexual, genérica, étnica, etc.

O processo de mudança e adaptação às normas nos grupos vem acompanhado de toda uma gama de exigências objetivas dentre as quais a mais importante resulta a conservação e transmissão da cultura de uma geração para outra e ela acompanha a evolução das personalidades no cumprimento e adequação as exigências que permitem aos indivíduos se sentirem aptos para incorporar suas necessidades interiores ao meio externo onde está inserido, orientando suas ações em correspondência com as expectativas dos outros. Quanto mais aprimorado o nível de desenvolvimento social, mais importante o papel da organização por grupos e sistemas o individuo se impõe: assim na infância como primeiro estágio a família é responsável pela socialização do individuo e este participa com os parâmetros de seu intelecto e memória, o instinto

¹ Gays, Lésbicas, Simpatizantes, Bissexuais, Travestis e Transgeneros.

² working “against” racism and sexism is the experimental laboratory for a cultural pluralism that develops the “uniqueness of all people” the sequence here is quite specific and relevant.

³ Some differences are easy to identify, for they are visible right on the surface: individuals are male or female, young or old, white or minority. Other differences are not to easy to see: education level, lifestyle, goals and ambitions, sexual orientation, personal values, and belief systems involving loyalty to authority, commitment to the organization’s visions, ways of thinking and respect (or fear) for new ideas.



biológico vai sendo substituído durante o crescimento pela absorção dos parâmetros sociais.

Na adolescência aparecem as primeiras tentativas de independência expressas em gírias, descobrimento da sexualidade, imitações e fetiches, porém todas ficam sob o controle da educação e o aprendizado. Neste período é fundamental o acesso a vindicações da moda, o processo de interação com os livros e até a incorporação e usufruto de material de informática. Todos estes elementos marcam um *status* importante que influencia a socialização na aceitação comunitária. Lado a lado com o potencial do mundo acadêmico, dos conhecimentos sistemáticos e da assimilação da lógica do pensamento vigoram outros elementos surreais ou subjacentes como as primeiras descobertas sexuais e as exigências que determinado período histórico coloca com seus valores ideológicos, éticos e morais em determinado espaço cultural.

Não importa qual a variedade de sistemas educativos nacionais que se conhecem, todos carregam como essência um único princípio que coloca o conhecimento empacotado em cursos dentro dos quais, cada unidade interage com o discente e seu interesse de conseguir objetivos específicos com respeito a sua incorporação ao mercado.

O estágio seguinte já na maturidade; expressa na independência econômica, papel social ativo, responsabilidades e em muitos casos se verifica que os dois primeiros estágios não conseguiram preparar as pessoas para este tipo de confronto consigo e com as exigências do meio. A função de destaque neste período de socialização, qualquer que seja a sociedade e a época em que os indivíduos interagem resulta ser a aquisição de posições de destaque ou realizações com a conseqüente incorporação a duas instituições valorizadas. A primeira e mais importante é o alcance de uma situação econômica totalmente independente e estável, e a segunda na formação de seu próprio ambiente familiar onde assume o papel de esposo (a), pai ou mãe. Ambos os processos estão extremamente condicionados pela sustentação dos elementos culturais que exige a convivência na sociedade. Outros aspectos como aprendizado de uma língua estrangeira, a incorporação ou acesso a segredos de estado, a participação na vida política, além de não ser de interesse geral, também estão limitados àqueles que incorporam o *status* como elemento de reconhecimento público. A ilustração que Sírio Possenti faz destes elementos é uma constatação desta auto-segregação natural seletiva e corporativa dentro dos grupos.



A existência de blocos que disputam mercados, de sucessivos movimentos políticos... comerciais e especialmente financeiros testemunha que a história continua. Há numerosos operadores no mercado tomando decisões – decisões condicionadas, certamente, mas que estão longe de ser apenas automáticas e mesmo unidimensionais, podendo ser entre outras coisas e conforme o caso, punitivas, estimuladoras, orientadoras, além obviamente, de serem ou poderem ser armadilhas para capturar incautos. Há, portanto, numerosos sujeitos manobrando astuciosamente, constituindo-se em usuários do sistema e ganhando a custa dele. (POSSENTI, 2004, p.107)

Essa rede social ou comunitária é um fenômeno típico das relações urbanas onde se concentram as relações pessoais que a cidade recria via serviços, documentos, tecnologia, comunicações, moda, organizações, leis, trânsito, etc. descobrindo assim os micro coletivos que ficam diretamente envolvidos nas diversas estruturas sociais que cada um dos subsistemas acima mencionados reproduz em lideranças, testemunhas, participantes e excluídos. Em outras palavras o nível e a efetividade do aprendizado social (de por si imitativo) depende da intencionalidade e do caráter de adesão que o indivíduo mostra com relação ao alheio dentro de seu círculo, tendo como resultado a revelação de sua motivação para aceitar o modelo social perfilado pelo seu grupo.

Todas e cada uma das situações antes colocadas encontram potencial na interatividade comunitária visto que qualquer indivíduo depende de todas as redes sociais de comunicação, sem exceções para o plano familiar, as relações amistosas e qualquer atividade produtiva que conforme a base de subsistência do indivíduo maduro.

Finalmente temos o envelhecimento onde se acumula a experiência como culminação do ciclo vital e devolve o indivíduo ao estágio comparável com a dependência social da infância.

Interessante em todo o processo de perfilhação do grupo é a constatação de que os padrões de comportamentos não são inatos do homem, e a grande mostra desta colocação está na diferença que cada sociedade possui em tempo, espaço e nas normas usos e costumes que cultuam. Precisamente estes elementos institucionalizam a vida dos pequenos grupos e seus membros submersos em determinados regularidades histórico-naturais. O processo de institucionalização se dá de forma paulatina abarcando inclusive a interação de duas ou mais gerações onde determinados estilos de prática e expressões sociais atingem níveis de uso e costume, se estabelecem como contínuos e ininterruptos, pois na maioria dos casos esta institucionalização é mutante como se vê nas últimas etapas de desenvolvimento social onde a família traz para si valores da produção agrícola e durante a industrialização as repassa para a fábrica ou firma. Atualmente



deslocadas na imagem, no parecer, na iconografia e no simbolismo que marcas e mídia impõem.

A exposição à mídia não explica por si mesma nenhuma particular posição frente à tradição. Os meios de comunicação podem ser usados não somente para desafiar e enfraquecer os valores e as crenças tradicionais, mas também para expandir e consolidar tradições. Não é difícil dar exemplos de como a mídia foi usada efetivamente no serviço da tradição desde a difusão de bíblias impressa e dos livros de oração no início da Europa moderna até o teleevangelismo de hoje. ... Com o desenvolvimento dos meios de comunicação, a formação e a transmissão da tradição se tornaram cada vez mais dependente de formas de comunicação que perderam o caráter face a face, com várias conseqüências entre as quais destaco três. (THOMPSON, 2002, p. 172)

Ao falar em desritualização, despersonalização e deslocamento, Thompson as qualifica como alguns dos fatores que proporcionam mudanças. Destacam-se o surgimento de novas práticas sociais e comunicacionais que exigem adequação aos novos padrões de desenvolvimento econômico social e as novas condições políticas, aparição de estruturas organizacionais e suas normas de convivência, a interiorização pelos indivíduos dos novos papéis em correspondência com as sanções formais e informais que a nova estrutura pressupõe como meio de regulamentação do comportamento.

Surge aqui o interesse pelo caráter social dos indivíduos e pela condição de sua participação no processo social como resultado do constante controle que a cultura exerce sobre o comportamento. Mesmo que as normas para tal não sejam de extrema rigidez atuam em conjunto com o ritual cultural, com uma etiqueta de valores comunitários e uma série de tarefas econômicas e perfis quase religiosos que estabelecem a ordem e orientam permitindo sua incorporação nas novas gerações. Daí que as normas para a interação de cada individualidade com o resto dos membros e com os grupos externos a seu raio de convivência está fortemente delimitada e qualquer desvio pode ser considerado agravo passível de punição.

Sociedades onde o capital cresce, gira e se acumula, onde a produção se expande intensivamente, onde o consumo vira centro das relações sociais e da valorização da personalidade proporcionam muitas possibilidades de seleção e iniciativas para enfrentar os problemas que a atingem, daí que grande número de seus membros mostre um tipo de caráter social voltado para si e uma tendência para a mobilidade de sua personalidade, tanto no espaço como na estrutura comunitária. Aqui as forças



tradicionais ficam debilitadas pela intensificação na divisão do trabalho, as rápidas mudanças na estratificação social e pela disseminação tecnológica da comunicação.

Douglas Kellner chama atenção para o incipiente processo de expansão das tecnologias midiáticas e informativas e semelhante a Thompson consegue vê-lo separado, mesmo que influente no processo de preservação cultural e de tradições:

A proliferação da cultura e tecnologias midiáticas focaliza sua atenção na relevância das políticas comunicativas e na necessidade de uma intervenção pública com debates acerca do futuro da cultura da mídia e das comunicações nos canais (vias) informativos e de lazer em previsão de futuro... Igualmente, os boletins e itinerários de computador são livres para aqueles que possuem conhecimentos universitários, para o governo, as contabilidades, considerando que a comunicação digital consiga ser acomodada no futuro como se fez com a comunicação telefônica.⁴ (KELLNER, 1995, p. 444)

A indústria dos serviços torna-se imprescindível e alcança o patamar do serviço em domicílio não só para as esferas mais abastadas, mas também para o resto dos membros da sociedade. Um maior número de pessoas alcança estabilidade financeira, corre atrás de momentos de lazer, porém seu mundo fica estandardizado e burocratizado. Todo isto sob uma forte e inegável influência dos meios de comunicação de massa que chegam até poluir comportamentos.

Considerando que o homem parte de seus interesses e da proposta em alcançar os próprios objetivos não pode de jeito nenhum ignorar a vontade dos que circulam na sua esfera social, sob pena de transgressão. Muitas dessas situações abrem passo e fortalecem o individualismo com a conseqüente seqüela de inaptos ou inadequados que se observam tanto nos grupos menores como os de maior raio social.

Os grupos que concentram pessoas da mesma geração, idade, esfera, interesses, mostram sérios indicadores da violação dos padrões ditos ou denominados de atitude moral, pois as pessoas neles se comportam como se espera ou se lhes exige, sempre com o temor de não serem populares, carregando culpas por não partilhar a padronização informativa que rádio, televisão, cinema e jornais estabelecem como certa, incluindo o êxito profissional, passando pelo balanço emotivo num romance e pela imposição de valores estéticos que carregam dietas e posturas corporais. O pensar sobre o fetiche na

⁴ The proliferation of media culture and technologies focuses attention on the importance of media politics and the need for public intervention in debates over the future of media culture and communications in the information highways and entertainment by-ways of the future. ...Similarly, today computer bulletin boards and routes of communication on the internet are free to those who have university, or government, accounts, whereas all computer communication may be commodified in the future, as is telephone communication. Intellectuals and new technologies.

moda feminina e a identidade de Steele pode se adequar aos padrões da metrosexualidade impostos pela mídia em qualquer grupo e esfera social:

Ainda assim a crítica feminista da moda tem repousado sobre concepções problemáticas sobre a aparência “natural” que é contrastada com artifícios de moda. A distinção entre o “natural” e o “artificial” não pode ser mantida, visto que todas as roupas (e outros aspectos da aparência, tais como estilos de cabelo) são construídos culturalmente. Os jeans não são mais “naturais” do que saltos altos. Além disso, poder-se-ia argumentar que não há verdadeiramente um “*self real*” por baixo do artifício da cultura, porque a própria identidade humana é culturalmente construída. (STEELE, 1997, p.194)

A modo de conclusão se constata o fato de que com mais frequência o ponto de orientação para os membros de uma comunidade são seus contemporâneos e conhecidos, também aqueles que ele visualiza virtualmente ou que lhe servem de padrão via meios de comunicação de massa, colocando familiares e parentes praticamente num segundo plano. A moda nesta situação tem lugar de destaque criando uma espécie de caráter social dentro dos participantes dos pequenos grupos onde cada personalidade se focaliza na recepção da outra individualidade, aparece um *standart* que nasce na subjetividade sustentada pelos meios de comunicação abarcando os detalhes externos, a consciência e a percepção do mundo pelo indivíduo. Aqui aparecem elementos que parecem indicar que o instrumento operativo e meio de realização do controle comunitário não é outra coisa que a sanção social, e a exigência dos papéis sociais. Cada institucionalização comanda uma ou outra esfera da vida ativa, à margem de seus princípios normas e regras e carrega consigo algumas das sanções com que tem de punir os indivíduos infratores atuantes no seu terreno. A tipologia das sanções depende do sistema adotado pela comunidade e gira, principalmente, em torno das sanções positivas – destaques e reconhecimentos pela realização de ações apoiadas, desejadas pela sociedade ou pelo grupo. E logicamente, do outro lado estão as sanções negativas – punições ou castigos por atos negativos, indesejáveis, e levianos.

Resumindo, a essência do comportamento social se subentende na intenção de suas múltiplas agrupações que pretendem monitorar e fortalecer o conformismo de seus membros, cultivar formas apetecíveis de proceder comunitário, obstaculizar o comportamento leviano e recuperar os casos desviados para o cumprimento das leis e normas sempre sob o prisma do aprendizado cultural que hoje vem acompanhado de



aparências e ideologias consumistas, frutos da industrialização e da presumível fusão de economia.

Bibliografia

BERGER, Peter L. e LUCKMAN, Thomas. *A construção da realidade social*. Vozes, Petrópolis. 2003

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade. (sociologia)* Paz e Terra, SP, 2002.

CROSS, Elsie et al. *The promises of diversity: over 40 voices discuss strategies for eliminating discrimination in organizations*. Seashore eds. New York. 1994.

DURKHEIM, Emile. *Ética e sociologia da moral*. Ed Landy, 2003.

EDGAR, Andrews e SEDGWICK, Peter. *Teoria Cultural da A a Z*. Editora Contexto, São Paulo, 2003.

GORDON, Avery. *The work of corporate culture: Diversity management*. In *Social Text 44*. Vol. 13, # 3. Fall Winter, Duke University Press. 1995.

JEAN, A. *Sociedade e consumo* RJ, Elfos Editora, Lisboa, 1995.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia*. Editora Edusc/Verbum, 2001.

KELLNER, Douglas. *Intellectuals and new technologies in Media, Culture and Societies*. Vol.17, pág. 427-448. SAGE, London. UK, July 1995.

KLEIN, Naomi. *Sem Logo – a tirania das marcas em um planeta vendido*. Editora Gráfica, SP/ Record Rio de Janeiro – SP. 2002.

LIMA, Luis Costa (organizador). *Teoria da Cultura de Massas*. Editora Paz e Terra, São Paulo, 2000.

MAFESSOLI, Michel. *Tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. RJ, LTC, 2000.

POSSENTI, Sírio. *Os limites do discurso, ensaios sobre discurso e sujeito*. CRIAR Eds. Curitiba, PR, 2004.

SCHEIBE, E Karl. *O drama da vida cotidiana*. Tradução de Laura Knapp. Editora PUCSP, SP, 2005.

THOMAS JR, R. Roosevelt. *Beyond race and gender: unleashing the power of your total work force by managing diversity*. New York, AMA, 1991.

THOMPSON, Jonh B. *A Mídia e a Modernidade: Uma teoria Social da Mídia*, Tradução de Wagner de Oliveira Brandão. Vozes, Petrópolis, RJ, 1997.

WALLERSTEIN, Immanuel. A cultura como campo de batalha ideológico do sistema mundial moderno (41-68) in FEATHESTONE et al. *Cultura Global*, 3ra edição. Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 1990.